

O HUMANO QUE EXISTE EM TODO PROFISSIONAL

Lorena Ibiapina Mendes de Carvalho (PI)

- Residência médica e doutorado em anestesiologia pela Faculdade de Medicina de Botucatu (Unesp)
- Presidente da Sociedade de Anestesiologia do Estado do Piauí (Saepi)
- Médica anestesiologista plantonista do Hospital Getúlio Vargas e Hospital Maternidade Satélite (Teresina-PI)

Que caminhos em nossa história cheia de meandros e alegrias e dificuldades e desafios nos trouxeram para o ser anestesiologista

que há em cada um de nós? Que forças de caráter se imprimem na missão pela qual batalhamos, na diversidade de facetas de que lançamos mão como profissionais? Ao agregar sabedoria, humanidade, justiça, moderação, coragem e transcendência, ora algumas dessas forças, ora outras, somos muitos em um só. Somos, antes de tudo, seres humanos. Imperfeitos nas bordas, mas transcendendo os mais puros valores no centro da essência.

Quais são, pois, seus valores? Seus medos? Suas angústias? E o que o motiva a seguir, fundamentalmente, em cada ação e cada força que o move?

A fim de contextualizar tal ideia, do fragmento e do todo, do profissional que existe dentro de cada humano e do humano que habita o profissional – em nosso caso, médicos e anestesiologistas –, peço licença para contar-lhes uma breve história.



Com pouco mais de cinco anos de experiência como anestesiologista, uma trajetória torta de estudos e busca da essência da felicidade colocou-me nessa missão. Após um ano de residência médica em clínica médica em renomada instituição, ainda me prendiam as inseguranças de por que eu estava seguindo aquele caminho. Passado um ano de

fortalecimento e aprendizado intenso que todo R1 proporciona, acordei no meio de uma madrugada e, ao abrir os olhos, decidi que mudaria de rumo.

Sem saber exatamente para que rua conduzia aquela curva, nessa mesma manhã, assinei alguns papéis na Comissão de Residência Médica da FMRP (USP) e me despedi da instituição que tanto me ensinara naquele breve, mas intenso, período. Esse dia, diria, foi o divisor de águas. O momento em que se vira a chave da vida e se abre uma porta nova na certeza de que, daquele minuto em diante, adentra-se em uma mudança que impacta sua história para sempre. Um curto estágio observacional de anestesiologia na Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB – Unesp), realizado dois meses depois, resgatou-me o ânimo e a motivação há tanto tempo perdidos. Seguiram-se a residência médica em anestesiologia na mesma instituição que tão bem me acolhera (FMB – Unesp) e uma profissional com alto grau de satisfação e ávida por novos desafios.

Passados pouco mais de oito anos daquela virada de chave, como muitos de nós antes de ter um caso difícil, estudo e leio algumas páginas

que o tempo permite na véspera, a fim de prover o melhor cuidado possível para aquele paciente que, deitado na mesa fria do centro cirúrgico, espera receber ao cerrar os olhos com a indução anestésica.

Um desses estudos deu-se para uma criança de cerca de 3 anos, com proposta de cirurgia cardíaca para correção de comunicação interventricular (CIV). Preparei-me com o afincio que a complexidade da cirurgia requeria, atualizando os principais protocolos em anestesia de doses de medicações para o peso daquela pequena paciente. No dia da cirurgia, naquela apertada salinha de espera, aguardavam-me a mãe, a avó, o pai e a própria paciente, envolvida tranquilamente nos braços de sua genitora. Após cuidadosa apresentação e conversa com a família, tive como saldo o ganho da confiança de minha pequenina paciente. Acolhi-a nos braços e nos direcionamos à sala de cirurgia. Ao virar as costas, senti uma mão no ombro esquerdo. “Doutora, por favor, cuide bem de minha filha. Ela é tudo na minha vida.” Voltando a

**“Doutora, por favor,
cuide bem de minha
filha. Ela é tudo na
minha vida.”**

vista em sua direção, encarei, com empatia, seus olhos lacrimejados ao receber esse valioso pedido. Com algumas palavras, então, confortei-a: “*Tudo ficará bem, vamos cuidar bem dela.*”

Tudo bem planejado, indução anestésica tranquila e cirurgia sem nenhuma intercorrência. Todavia, a saída da circulação extracorpórea (CEC) – todo anestesiológico sabe – é etapa crucial e delicada para o êxito da cirurgia cardíaca. Nesse caso, na saída da CEC, foi necessária transfusão de concentrado de hemácias, e a sequência de eventos foi uma montanha-russa de emoções que o gerenciamento de crise impacta para toda a equipe. Nossa pequena paciente evoluiu com uma grave reação transfusional – TRALI

(abreviação curta para *transfusion related acute lung injury*) foi a hipótese que melhor se ajustou ao quadro, e apareceram, no fundo da memória, outros casos semelhantes que eu havia presenciado no R1 de clínica médica. Em momento de extrema dificuldade clínica

e emocional, enquanto liderava aquela equipe e aqueles experientes cirurgiões, rezava a Deus pedindo uma solução. O pediatra intensivista foi acionado para dar suporte clínico e, pensando alto, juntos, tentamos conduzir tão complicada situação.

Em algum momento, apesar de todos os nossos esforços, aquela singela criança, que senti no colo horas antes, sucumbiu. Equipe unida, fomos juntos (anestesiológico, cirurgiões, pediatra intensivista e enfermeira) dar a pior notícia possível a uma mãe: apesar de todos os esforços, sua filha se fora para sempre. Abracei-a, sabendo que aquele não era o abraço que ela queria sentir. Baixei a cabeça, por um momento, como mãe, não mais médica, por não cumprir a promessa horas antes proferida. Somente imagino a dor daquela mulher, naquele momento, aquela chave da vida dela que se virava. E com a cabeça baixa de impotência e uma angústia profunda, retirei-me dali, atrás de mim os gritos e o choro que ecoavam o mais extremo desespero. O caminho daquele centro

cirúrgico nunca foi mais comprido e mais triste, certa de que somente minha sombra habitava o lugar. Minhas forças desabaram e, sentada num banco em algum canto, coloquei as mãos no rosto e senti todas as lágrimas do mundo nos dedos. Éramos eu e Deus, e nenhum estudo, por melhor que fosse, preparou-me para aquele momento. Senti, então, uma mão no ombro. Era a mão de outro colega, anesthesiologista, muito querido e parceiro de qualquer empreitada. Com algumas palavras de conforto, ele aliviou minha dor.

Foram muitos meses para recuperar-me desse incidente. Desistir da anesthesiologia nunca havia sido uma opção, mas será que a anesthesiologia teria desistido de mim? Era preciso dar um novo significado para aquele dia, que impregnava meu currículo. Não o lattes, mas aquele currículo que escrevemos na alma, ao encosto do travesseiro, antes de dormir, sabendo que no dia seguinte o reabrir dos olhos iniciará uma nova jornada. E, então, pouco a pouco, uma anestesia após a outra, o peso da dor transformou-se em experiência de vida. E o peso da alma tornou-se mais leve da culpa carregada (de como tal momento poderia ter sido diferente?), dando lugar a alguém perfeitamente ciente de suas limitações.

O que ficou disso? O sentir daquele toque, daquelas duas mãos sobre meus ombros em momentos tão distintos. A primeira mão, da confiança, que todo paciente coloca sobre nós, seus médicos anesthesiologistas, que cuidaremos de suas vidas, assim como cuidamos de nós mesmos, conforme juramento outrora proferido sob tão nobre púlpito. A segunda mão, a da solidariedade, da entrega, da amizade, de um colega para o outro. Do colega que não apenas divide o plantão, mas também a sabedoria e a mágica de cada indução anestésica, cada caso difícil, cada palavra de apoio ou, na plenitude do mistério que abriga o silêncio, que seja um toque de uma mão sob o significado mais humano e mais profundo que existe no vocábulo... União.

Quais são seus valores? O que é seu centro? A essência que o torna único, no ser humano e profissional que se entremeiam e completam sua pessoa?

A Sociedade Brasileira de Anesthesiologia (SBA) semeia como valores primordiais a educação por

meio da ciência, a ética e a união, culminando na missão de exercer a formação, educação, certificação e representação de seus associados. Esses valores traduzem os pilares fundamentais da SBA. “A SBA somos todos nós!” Somos, hoje, mais de 12 mil anesthesiologistas brasileiros sócios da SBA (12.629, precisamente) que disseminam esses valores em cada uma de suas respectivas 25 regionais e mundo afora. É preciso, outrossim, lembrar o princípio que nos move na confiança e no amparo do toque da mão de cada colega sobre o ombro do outro, não importando sua localização geográfica ou sua história, mas sabendo com quem podemos contar nas mais diversas esferas da vida, incondicionalmente, e sempre!

Agradecimentos

Ao dr. Marcos
Albuquerque e ao
Núcleo do EU (SBA) pelas
vivências e referências de
positividade, felicidade,
ciclos da vida e forças de
caráter.

Ao dr. Augusto
Takaschima pelas
referências sobre a SBA e
os valores que constam de
seu estatuto.
